

FUTEBOL DE USINA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ): MEMÓRIA E SOCIABILIDADE OPERÁRIA

Lucas Batista Barcelos¹

Resumo: Este artigo propôs abordar o futebol operário no Brasil, mais especificamente na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. O objetivo deste trabalho foi compreender o futebol usineiro de Campos dos Goytacazes como produto cultural inerente ao desenvolvimento agroindustrial no município, ocorrido no início do século passado, em consonância com o surgimento de uma cultura esportiva na cidade. Para alcançar este objetivo, utilizou-se como metodologia um levantamento bibliográfico à luz dos principais autores que sustentam este assunto e o trabalho de campo a fim de obter informações com indivíduos que vivenciaram o processo. Os resultados apontam que o futebol usineiro de Campos dos Goytacazes foi desenvolvido a partir de laços comunitários e de relações de sociabilidade entre trabalhadores das usinas de álcool e açúcar do município, cabendo destacar que este cenário foi possível devido ao apogeu do setor agroindustrial. Portanto, conclui-se que o desmantelamento da produção local de álcool e açúcar na década de 70, que decretou o fechamento de várias unidades industriais do setor sucroalcooleiro, influenciou diretamente o funcionamento das equipes usineiras em um efeito cascata, provocando o declínio de seus clubes, os quais tomaram o rumo do amadorismo e da extinção.

Palavras-chave: Futebol; Indústria; Usina.

Mill Football in Campos dos Goytacazes (RJ): Memory and Worker Sociability

Abstract: This article proposed to address workers' football in Brazil, more specifically in the city of Campos dos Goytacazes/RJ. The objective of this work was to understand mill football in Campos dos Goytacazes as a cultural product inherent to the agro-industrial development in the municipality, which occurred at the beginning of the last century, in line with the emergence of a sporting culture in the city. To achieve this objective, a bibliographical survey was used as a methodology in light of the main authors who supported this subject and field work to obtain information from individuals who experienced the process. The results indicate that mill football in Campos dos Goytacazes was developed from community ties and sociability relationships between workers at the municipality's alcohol and sugar plants, and it is worth noting that this scenario was possible due to the heyday of the agro-industrial sector. Therefore, it is concluded that the dismantling of local alcohol and sugar production in the 70s, which decreed the closure of several industrial units in the sugar and alcohol

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: lucas_barcellos@hotmail.com

sector, directly influenced the functioning of the plant teams in a cascade effect, causing the decline of their clubs, which took the path of amateurism and extinction.

Keywords: Football; Industry; Mill.

Introdução

O maior município em extensão territorial do estado do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, conta com uma história regional ímpar. Confundida com essa história, a cana-de-açúcar foi, por séculos, a principal matéria-prima do município, atravessando diferentes modos de produção e infraestruturas produtivas. A respeito do esporte, Campos já constou no mapa do futebol brasileiro com a participação de equipes futebolísticas em certames nacionais e possuía um cenário de equipes de futebol formadas por trabalhadores de usinas sucroalcooleiras, tais quais os times de fábrica do Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesse sentido, o objetivo principal do presente trabalho² se concentra em compreender o futebol usineiro de Campos dos Goytacazes como produto cultural inerente ao desenvolvimento agroindustrial, no município ocorrente, no início do século passado, em consonância com o surgimento de uma cultura esportiva na cidade.

Dessa forma, neste artigo discorreremos, inicialmente, sobre o fenômeno do futebol operário no Brasil durante o início do século passado, no que diz respeito à formação de times futebolísticos formados por operários-jogadores, em regiões industriais do país e em cidades que contavam com serviços de infraestrutura. Posteriormente, comentamos sobre o processo de agroindustrialização de Campos durante o século XX, estágio o qual remete ao desenvolvimento econômico da cidade por meio das usinas sucroalcooleiras. A partir do entendimento desse período produtivo, enquanto força motriz para um infante desenvolvimento urbano, foi debatido o surgimento de um circuito de práticas de lazer e esporte na cidade, numa época concomitante a esta efervescência produtiva no município.

² O presente artigo é derivado da dissertação de mestrado intitulada “Futebol operário e espaço no Brasil: os times de usina de Campos dos Goytacazes”, defendida em março de 2024.

Por fim, adentramos no objeto de estudo, abordando os times de usina de Campos dos Goytacazes acerca de suas histórias, memórias, relações de identidade local e de sociabilidade operária.

Futebol operário no Brasil

Considerando um desdobramento da mecanização do território brasileiro, durante o final do século XIX e o início do século XX, o fenômeno do futebol operário no Brasil é considerado uma grande marca da história social do futebol do nosso país, no que diz respeito à democratização e à popularização do esporte bretão em nossas terras, num período no qual o *football* era considerado uma prática esportiva aristocrática.

Nesse sentido, tal questão é dada pela criação de times de futebol organizados por trabalhadores de fábricas de tecelagem, do ramo ferroviário, de companhias de fornecimento de energia elétrica, minas de carvão, entre outros segmentos industriais, sendo denominados como times operários/times fabris. Comumente, a organização dessas equipes era fruto do subsídio dos patrões e ocorria, também, por meio da solidariedade entre os operários (Santos, 1981; Antunes, 1992; Buchmann, 2004; Filho, 2010; Stédile, 2011; Mascarenhas, 2014; Cioccari, 2021).

A respeito dos times operários, podemos compreendê-los como esferas de sociabilidades e de identidades coletivas, as quais foram formatadas a partir das convivências cotidianas entre os atores no seio da classe operária de determinados centros urbanos brasileiros. Interessante notar a estreita relação das relações de produção com a existência dessas equipes, visto que o funcionamento delas se deu em decorrência da organização dos trabalhadores fabris e dos proprietários para a manutenção dessas agremiações.

Nesse cenário esboçado pela fábrica e o campo de futebol, o ‘operário-jogador’ era o ator principal. Em tal situação, ele possuía uma dúbia ocupação, onde estava incumbido de exercer as suas ocupações no interior da fábrica de acordo com suas funções e, por meio de suas habilidades com a pelota, se dedicar à prática do futebol no time que carregava o nome da firma na qual era empregado. Em determinadas situações, o operário que possuía uma melhor desenvoltura com a bola nos pés era agraciado com determinadas regalias, como

mudança para cargos menos laboriosos e remuneração suplementar (Antunes, 1992; Filho, 2010).

No caso do futebol operário no Rio de Janeiro, Pereira (2000) afirma que o ato de os times operários possuírem suas denominações vinculadas aos seus referentes estabelecimentos industriais era uma forma de desenvolver uma determinada identidade associativa entre a fábrica e as agremiações futebolísticas formadas por trabalhadores. Essa situação fazia com que os times operários fossem pautados por laços de identidade, sociabilidade e solidariedade entre os colegas de trabalho.

O fato de que não se vissem como simples representantes da fábrica não impedia, porém, que tivessem nos clubes um importante fator de identidade. Formadas em seus locais de trabalho, essas associações assumiam para os trabalhadores cariocas a feição de uma importante instância de construção de solidariedade (PEREIRA, 2000, p. 266).

Uma outra característica dessas agremiações era a questão do controle patronal posta em discussão por Antunes (1992), no caso dos times fabris de São Paulo. Apesar de a prática do futebol nos circuitos operários ter sido uma faceta da democratização deste esporte para a classe trabalhadora, o futebol fabril também possuía uma vertente ligada ao controle burguês, no que diz respeito à promoção das firmas enquanto prática propagandística e no controle dos trabalhadores relativo às questões disciplinares.

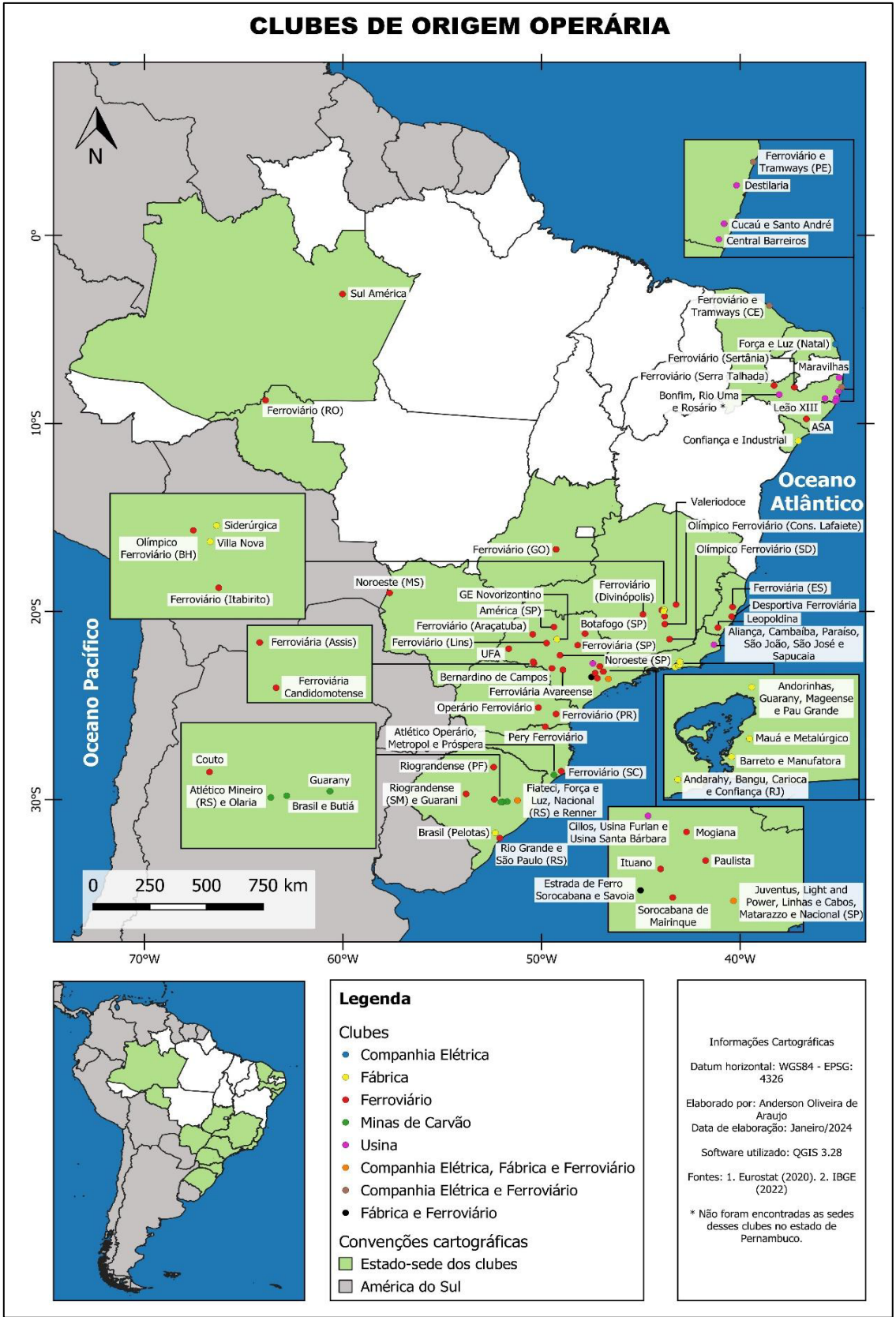
Um fato interessante que envolvia o futebol e o movimento operário brasileiro era a visão sectária de determinados segmentos políticos de cunho sindical, anarquista e comunista no Brasil, durante o início do século XX, em relação ao futebol nos circuitos operários. Tais grupos possuíam um posicionamento cético a respeito de tal relação que se encontravam em formação, sob o argumento de que o futebol se constituía enquanto um esporte burguês e imperialista o qual seria capaz de fomentar a alienação dos trabalhadores, como forma de se tornar um empecilho à formação da consciência de classe e emancipatória daqueles indivíduos (ANTUNES, 1992; PEREIRA, 2000; MASCARENHAS, 2014).

Considerando essa íntima ligação entre o ambiente laboral industrial com a prática do futebol, durante o início do século XX, Mascarenhas (2014)

propõe uma visão a qual aproxima o jogo do futebol ao jogo do trabalho nas fábricas, em moldes tayloristas ao observar a relação entre o esporte estudado e a sociedade industrial inglesa em gestação, durante a Revolução Industrial.

Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas à sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem. [...] Os jogadores devem obedecer estritamente às instruções do treinador (ter “disciplina tática”), sob pena de perder a vaga na equipe, pois trata-se de um empregado empenhado em produzir o máximo e em respeitar a hierarquia dentro do clube, para manter seu provisório posto de trabalho, por muitos disputado. Sobre o uso racional do tempo, a velocidade é fundamental para superar o adversário e, por um instante, abrir valiosos “espaços” num campo ocupado estrategicamente por 22 atletas de alta mobilidade. Ainda o fator tempo se revela importante quando se sabe que, numa partida de futebol [...] os cronômetros funcionam sem interrupção, não se submetendo ao andamento do jogo (MASCARENHAS, 2014, p. 91-93).

Passadas algumas breves considerações sobre o futebol operário no Brasil, discutiremos aspectos econômicos e culturais de Campos dos Goytacazes, no que diz respeito ao período das usinas sucroalcooleiras e a existência de um cenário de práticas de entretenimento na cidade, durante o século XX. Tal incursão possibilitará a discussão sobre os times usineiros campistas, principal foco deste trabalho.



Organização: OLIVEIRA, 2024

A era sucroalcooleira de Campos dos Goytacazes: considerações

As usinas sucroalcooleiras de Campos dos Goytacazes surgem como estrutura agroindustrial no município, num período que compreende a transição do modelo de trabalho escravo para o trabalho assalariado, durante o século XIX. Assim, podemos entender que os antigos engenhos passaram a se tornar uma estrutura fabril bastante primitiva, chegando a ser considerada semiartesanal. E durante o período, era necessária uma transformação técnica na atividade açucareira em Campos dos Goytacazes, pois os engenhos à tração e engenhocas (que não atendiam a necessidade produtiva como antes) desapareceram, e os engenhos a vapor entraram em cena como uma infraestrutura dotada de maior modernidade nesse período. Podemos compreender essa transição ocorrente no Norte Fluminense e em Campos dos Goytacazes como uma mudança que acompanhou a transição da economia brasileira durante o século XIX, no que diz respeito a conversão do escravismo para mão de obra assalariada, e por consequência a virada do escravismo para o capitalismo industrial nascente no Brasil (ROSENDO; CARVALHO, 2004; GOMES FILHO, 2017).

Em se tratando da abolição da escravatura, a economia do Norte Fluminense sofreu impactos diretos. A mão de obra escrava utilizada no setor canavieiro, desde os seus primórdios, veio a ser modificada no final do século XIX para a mão de obra assalariada. O surgimento das usinas em Campos correspondeu ao cancelamento do capitalismo industrial, no município e na região. A partir daí, surge uma pujante agroindústria no interior do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, vale discutir que o surgimento das usinas de açúcar em Campos dos Goytacazes atendeu a uma necessidade de unificar o plantio de cana nas dependências das usinas, com a moagem executada pelos maquinários (PINTO, 1995).

Durante o final do século XIX e, principalmente, no século XX, por sua vez, Campos contou com um grande parque agroindustrial. Nesse período, a produção açucareira no município entrava em uma rota de crescimento ao passo que a cidade contava com 27 usinas de açúcar. Durante esse período, Campos chegou a ocupar o segundo lugar da produção sucroalcooleira nacional, ficando atrás apenas de Pernambuco, durante a década de 20 (SMIDERLE, 2010).

A respeito da expansão do parque agroindustrial em Campos dos Goytacazes e o dinamismo da cidade, durante o início do século XX, o município contou com atividades desencadeadas por esse processo. Nesse sentido, segundo Pinto (1995) e Rosendo e Carvalho (2004), houve um determinado avanço no setor de transportes e do fornecimento de energia elétrica (sendo Campos a primeira cidade da América Latina a receber iluminação elétrica urbana).

Sobre o desenvolvimento urbano, Smiderle (2010) afirma que:

No início do século XX Campos encontrava-se com 27 usinas em funcionamento. As que mais produziam eram Cupim, Mineiros, Santa Cruz, Tocos e Barcelos. De 1914 a 1919, ou seja, aproximadamente no período da Primeira Guerra Mundial, Campos encontrava um mercado favorável à atividade canavieira. Por consequência, notava-se no município um grande crescimento urbano através de abertura de ruas, grandes residências e logradouros públicos (SMIDERLE, 2010, p. 54).

Com a crise do capitalismo de 1929, a economia sucroalcooleira sofre graves efeitos. Algumas unidades fabris foram fechadas e, como resposta à crise, o governo federal criou o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). A partir daí, Campos passou a receber investimentos e incentivos estatais para impulsionar a produção sucroalcooleira. Posteriormente, a crise do setor sucroalcooleiro que foi determinante definitivamente se iniciou por volta da década de 50, pelo fato de que o estado de São Paulo possuía um maior protagonismo no setor, no que se refere à discrepância em relação ao maquinário das usinas de Campos, visto que as plantas agroindustriais campistas sofriam com uma determinada defasagem técnica. Havia, também, a questão da baixa produtividade das lavouras do Norte Fluminense e um ineficiente formato de gestão das usinas campistas. Além disso, São Paulo e o Nordeste se tornaram o foco de interesse do IAA, no que diz respeito aos incentivos e financiamentos (ROSENDO; CARVALHO, 2004; SMIDERLE, 2010).

A década de 1970 marca temporalmente a definitiva derradeira do setor sucroalcooleiro em Campos dos Goytacazes. Há de se levar em conta, nessa época, a questão do petróleo enquanto fonte energética que reorganizou a atividade industrial na região. Nesse contexto, com a descoberta do Campo de Garoupa da Petrobras, em Macaé, as usinas sucroalcooleiras de Campos dos Goytacazes iniciaram um processo de perda de protagonismo produtivo para o setor

petrolífero, sendo este último o principal motor produtivo da Região Norte Fluminense até os dias atuais (GOMES FILHO, 2017).

Em relação à prática do futebol em círculos industriais, durante o período de exaltação da agroindústria canavieira em Campos dos Goytacazes, times de futebol foram surgindo por meio de incentivo dos usineiros e por via da organização dos trabalhadores. Segundo Santos (2017), estes foram os ditos times de usina, os quais fazem parte da história do futebol campista do século XX. A prática do futebol em Campos dos Goytacazes se insere no rol das atividades culturais e do lazer, que se encontram imersas durante o período de modernização da cidade, no tocante aos impulsos de urbanização combinados ao desenvolvimento econômico durante a transição da produção do engenho a vapor para a instalação das usinas.

Futebol nas usinas: lazer e esporte em Campos dos Goytacazes (século XIX-início do século XX)

Ao final do século XIX, Campos dos Goytacazes adentra em um processo de crescimento populacional ao passo que ocorria um inicial processo de ocupação da zona urbana. Durante esse período, emerge em Campos o que Melo e Carneiro (2021, p. 27) apontam como uma “estruturação de um mercado de entretenimento”. No início do século seguinte, a pujante produção sucroalcooleira insere o município no mapa da economia agroindustrial brasileira conforme discutido anteriormente. Tal fator é considerado responsável pelo crescimento urbano da cidade, acompanhado de um determinado ‘desenvolvimento cultural’ (Melo; Carneiro, 2021).

Campos, nesse momento, experimenta um ritmo de migração no que se refere ao deslocamento dos moradores das periferias rurais para a zona urbana, somado ao fluxo migratório de pessoas oriundas de outras cidades. Nesse sentido, entra em cena o que pode ser apontado como modernização cultural de Campos dos Goytacazes, se entoncarmos o potencial econômico da época ao crescimento da área urbana.

Enquanto manifestação cultural deste nascente ambiente urbano, Melo e Carneiro (2021) destacam o teatro como atividade do setor do lazer e do

entretenimento local. Surgidos no século XIX, os teatros instalados em Campos abarcavam eventos de natureza cômica, dramatúrgica e, inclusive, conferências de caráter sociopolítico. Durante esse período, a cidade passou a concentrar um imponente e relevante papel no cenário teatral nacional, com a recepção de atrações externas de companhias, sociedades musicais e dançantes.

A respeito da vida esportiva de Campos dos Goytacazes, podemos elencar duas modalidades apontadas por Melo e Carneiro (2021) que se relacionam umbilicalmente com a geografia da cidade: o turfe e o remo.

O turfe surgiu na cidade durante o final do século XIX, sendo representado como a síntese da mescla do ambiente urbano com o rural (Melo; Carneiro, 2021). Considerando a necessidade de praças esportivas para o exercício desse esporte, em 1915 foi criado o Hipódromo do Beco, onde atualmente se localiza o bairro Turf Club, e na segunda década do século XX foi erguido o Hipódromo Lineu de Paula Machado, o Jockey Clube de Campos, o qual se localiza no bairro homônimo.

Tal como ocorria em outros centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belém, durante o final do século XIX e o início do século XX³, o remo tem a sua prática iniciada em Campos dos Goytacazes. O Rio Paraíba do Sul, por sua vez, cumpria a função de elemento natural hídrico para a execução desse esporte no espaço geográfico campista. Não coincidentemente que às suas margens foram criadas três agremiações de regata: o Clube Natação e Regatas Campista, cujo ano de fundação possui divergências (1905 ou 1906), o Sport Club Saldanha da Gama, criado em 1906 e o Sport Club Rio Branco, fundado em 1919 (o qual teve o nome mudado para Clube de Regatas Rio Branco em 1922).

Retornando ao foco da pesquisa, podemos perceber que os primórdios do futebol de usina em Campos dos Goytacazes vão de encontro a essa efervescência cultural e esportiva na cidade. Durante o século passado, os times de usina participavam do campeonato citadino profissional junto às quatro principais equipes do município (Goytacaz Futebol Clube, Americano Futebol Clube, Campos Atlético Associação e Clube Esportivo Rio Branco), tendo um deles (o

³ Mascarenhas, 2014; Melo, 2020.

Esporte Clube Sapucaia) alcançado o título estadual na década de 1970 (o extinto Campeonato Fluminense).

No entanto, a partir do final da década de 1970, os times usineiros entraram em decadência e regressaram para o futebol amador. Isso se deu em virtude de duas razões: a primeira, de ordem econômica, no que diz respeito à crise do setor sucroalcooleiro campista, a qual inviabilizou os investimentos e a manutenção exercida pelos usineiros em relação às equipes que representavam suas usinas com os seus operários-jogadores. A segunda, de ordem esportiva, levando em consideração a ascensão do Goytacaz Futebol Clube e do seu rival Americano Futebol Clube para o Campeonato Carioca (unificado por determinação da fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro) e para o Campeonato Brasileiro, a qual influenciou diretamente no fim do Campeonato Campista profissional.

Tal como os times ferroviários, industriais, mineiros e outros tipos de equipes operárias formadas pelo território brasileiro, durante o início do século passado, os times de usina de Campos dos Goytacazes podem ser inseridos nesse rol, visto que seguiram uma trajetória similar às outras agremiações. A esta, podemos elencar fatores de ordem econômica (desenvolvimento industrial), social (classe trabalhadora praticando o futebol vinculada à sua firma) e esportiva (formação de equipes operárias que disputavam certames futebolísticos).

Paraíso Futebol Clube

O Paraíso Futebol Clube foi fundado em 17 de julho de 1917 no distrito de Tócos. A equipe foi formada pelos dos trabalhadores da Usina Paraíso e com o apoio dos dirigentes da empresa, referindo-se à cessão do terreno da usina e de objetos para a prática do futebol. O seu estádio se chama Benedito Silveira Coutinho, como forma de homenagem a um dos antigos sócios da usina.

Em 1917, desportistas ligados a indústria do açúcar, pois trabalhavam na Usina paraíso, localizada na localidade de Tócos, 2º distrito de Campos, resolveram fundar um Clube para a prática do futebol que estava florescendo em Campos. Marcaram uma reunião para o dia 17 de julho, onde compareceram as seguintes pessoas: José Manhães, Miguel Rinaldi, Amaro Monteiro, Manoel Monteiro, Domingos Monteiro, Helvécio Peixoto e Ezequiel Manhães da Silva e após entendimentos, fundaram o Paraíso Futebol Clube sendo escolhido o sr. Miguel

Rinaldi para seu Presidente. Uma vez fundado o Clube, estes desportistas entraram em entendimentos com a direção da Usina Paraíso, não só para dar ciência da fundação do Clube, como também pleitear terrenos onde pudessem construir o sua Praça de Esportes (ARÊAS, 1962, p. 35).

No que diz respeito às competições, a equipe disputava o campeonato municipal e o seu principal título foi o torneio Otávio Pinto Guimarães em 1975, quando venceu o Goytacaz, na ocasião, sendo este o título de maior relevância do clube. Com o fim do Campeonato Campista profissional, em virtude do ingresso de Goytacaz e Americano para o Campeonato Estadual pós-unificação do Estado do Rio de Janeiro, o Paraíso voltou ao amadorismo e passou a disputar competições desse formato. Atualmente, o time se encontra em hiato, segundo informações obtidas com dois antigos frequentadores do clube.

Relatamos, aqui, algumas falas de pessoas envolvidas neste processo futebolístico, e para preservar a identidade desses indivíduos, vamos chamá-los pelas letras iniciais do nome. X., de 59 anos, jogador do Paraíso Futebol Clube no período amador, durante os anos 1980 e 1990, funcionário da Usina Paraíso, conta sobre a forma que o time representava o distrito de Tócos e a maneira que a usina se envolvia com o time:

“O Paraíso pra mim é a minha vida, porque eu sempre... Gostava! Me divertia muito... A união do grupo era muito grande. A gente viajava, participava, saía... Representamos Campos várias vezes. E pra nós aqui era tudo. [...] A usina sempre foi o pilar do time do Paraíso. Quem trabalhava na usina jogava no Paraíso. Arrumava um serviço pra quem jogava... A indústria sempre deu todo suporte ao time” (X., entrevista realizada em 12 de setembro de 2023).

De acordo com a fala de X., percebe-se que havia uma mobilização orgânica dentre os funcionários da Usina Paraíso para a sua instituição futebolística agregada. Além desse envolvimento dos trabalhadores com a agremiação, percebe-se uma relação de apoio e assistência por parte do estabelecimento agroindustrial. Nesse quesito, é visível a prática clássica do cenário do futebol operário, a qual parte do princípio da interligação ‘fábrica-trabalhadores-usina’.

Sobre a maneira que a usina dava suporte ao time, X. relatou que:

“Eles tratavam bem o Paraíso, porque teve o falecido André e ele era o presidente da gente, o filho. E tinha suporte aqui com a diretoria, negócio de material. Sempre ajudava a comprar as coisas... Bola... Sempre chegava junto. E os patronos sempre estavam junto com a gente. O filho dele mesmo era presidente do time. Falecido André Coutinho” (X., entrevista realizada em 12 de setembro de 2023).

Em relação aos laços identitários locais fomentados pelo Paraíso de Tócos, foi relatado por X. que:

“Aqui a usina sempre representou o lugar nosso aqui. A usina sempre foi o patrimônio que empregou todo mundo. A maioria aqui de Tócos sempre trabalhou aqui na indústria e muitos torcedores sempre acompanharam o time, as senhoras sempre acompanhavam a gente em todos os jogos. E o Paraíso sempre foi tudo aqui pra gente! Infelizmente, agora não tem mais, deixaram acabar o campo. Eu torço que se Deus quiser alguém toma um... pra voltar o estádio da gente, que é um sonho meu viver o Paraíso de volta. Pra tirar pelo menos as crianças da rua e voltar a ser o Paraíso de sempre!” (X., entrevista realizada em 12 de setembro de 2023).

A respeito da afirmação acima, podemos constatar que para além da relação ‘usina-trabalhador-time’ havia, também, uma representação de identidade local bastante consolidada. Tal revelação se atesta ainda mais quando o entrevistado afirma sobre a espacialidade dos empregados da Usina Paraíso e da maneira que a comunidade local sempre foi aficionada pela agremiação. Nesse sentido, P.V. de 77 anos, jogador do Paraíso Futebol Clube na década de 70 e ex-funcionário da Usina Paraíso diz que:

“Sim, mantinha. Reforçava mesmo os donos da usina para poder manter o bairro sempre em dia. A população local abraçava o time! Fanático mesmo, gostava mesmo. Inclusive quando falaram que eu ia estreiar, pô, você tinha que ver como o campo encheu! ‘Jogador do Americano vai jogar!’” (P.V., entrevista realizada em 24 de setembro de 2023).

Esporte Clube São José

O Esporte Clube São José foi fundado em 28 de janeiro de 1938 na Baixada Campista, mais precisamente no distrito de Goitacazes. O São José foi um clube oriundo da Usina São José. Possuía sua sede social e esportiva nas dependências da usina, com um amplo espaço destinado à prática esportiva, com quadra de tênis, vôlei e basquete, além das atividades sociais. Era apelidado como

‘Milionário’ pela crônica esportiva local, devido aos investimentos da usina que o sustentava no cenário esportivo.

Coincidentemente, o seu estádio foi batizado como Estádio da Vitória e teve sua inauguração no dia 8 de maio de 1945, data que findou a Segunda Guerra Mundial. A respeito da sua vida gloriosa no futebol, o São José foi campeão campista no ano de 1952 contra o Clube Esportivo Rio Branco, sendo o primeiro campeão citadino do certame no modelo profissional.

O Esporte Clube São José foi fundado em 28 de janeiro de 1938 e sua origem está ligada à Usina São José, localizada em Goitacazes no 2º Distrito de Campos. De início, o São José fazia parte da 2ª Divisão jogando até o ano de 1944, passando para a 1ª divisão no ano de 1945, tendo conquistado o título de Campeão Campista de futebol profissional, sendo o primeiro campeão nesta categoria em 1952 (ARÊAS, 1962, p. 37).

Após a crise permanente do futebol campista, o São José seguiu disputando competições amadoras de caráter municipal e, até o momento da pesquisa, o seu estádio abriga uma escolinha de futebol para o público infantil.

O ex-presidente do Esporte Clube São José, no final dos anos, e ex-funcionário da Usina São José identificado como J., de 76 anos, relatou a representatividade do time com a usina e com o distrito de Goytacazes:

“Antigamente, quando eu era mais novo, quem mandava mesmo era o esporte, era o profissional, o pessoal que trabalhava na usina. Depois acabou, acabou o time e acabou a usina. Era como se tudo fosse uma coisa só. Porque o time era da usina, o lugar dependia da usina, então a ligação era uma coisa só. Um dependendo do outro. Era o Esporte Clube São José, Usina São José e o povo daqui que era da usina. Uma coisa ligada à outra” (J., entrevista realizada em 21 de agosto de 2023).

Nas palavras de J., essa representatividade pode ser expressa no sentido de que a equipe tinha seus quadros formados por funcionários da usina, sendo esta representatividade a força motriz para a existência da agremiação futebolística. Somada a esta interligação havia o papel do lugar, visto que o distrito de Goitacazes se encontrava dinamizado pela unidade agroindustrial e, também, era a zona de moradia dos trabalhadores da Usina São José.

O entrevistado, em sua fala, apontou o que podemos identificar como prática de lazer e sociabilidade ofertadas para a comunidade local para além do

funcionamento do time de futebol, quando comentou que o São José promoveu uma apresentação musical durante a sua gestão:

“Em 1988 por aí. Você já ouviu falar em Agepê? A primeira vez que ele veio à Campos ele veio no nosso clube aqui, através da minha direção. Deu tanta gente no clube que eu não via a hora de começar o show para terminar. Cantor famoso que nunca tinha vindo a Campos, olha só. Primeira vez que ele veio foi aqui no São José. Foi na minha gestão, mandato de dois anos” (J., entrevista realizada em 21 de agosto de 2023).

Além dessas informações levantadas, J. também afirmou que os funcionários da usina que desempenhavam a dupla função de ‘operário-jogador’ possuíam o expediente no galpão reduzido para a prática do futebol. Além disso, J. apontou, ainda, que a usina oferecia postos de trabalho para pessoas externas ao ambiente da Usina São José e do distrito de Goitacazes para atuar ou treinar no seu time:

“Era como trabalhador. Eles trabalhavam lá dentro, saíam 4 horas da tarde pra ir pro campo treinar. No profissional! Antigamente não, o cara trabalhava, muitos puxavam gancho para descarregar carreta de cana, muitos trabalhavam na fabricação e saíam dali pra jogar bola no profissional. Eles não ganhavam no time, a usina mantinha o trabalho deles. E não era só aqui não, nas outras também. A usina ajudava em emprego, “oh, fulano joga uma bolinha boa”, aí chegou no São José e treinou, daí chamava o presidente do time e falava “olha aquele rapaz lá, vê se está empregado ou não e vê se vai servir pro time. Qualquer coisa nós vamos ver se ele sabe fazer alguma coisa, se souber vamos botar em um setor, se não souber a gente arruma um lugar pra ele na usina”. Aí você que tá querendo trabalhar ia fazer o quê? Ia jogar no São José” (J., entrevista realizada em 21 de agosto de 2023).

Por fim, J., também, comentou sobre o papel mantenedor da Usina São José com o seu clube:

“O time de futebol era mantido pela usina. Não tinha fins lucrativos. Vamos dizer assim “ah, o clube está precisando de um jogo de camisas”, a usina que mandava comprar. “O time precisa de chuteiras pra você”, a usina mandava comprar. Então tudo era através da usina, o clube não tinha fins lucrativos não. A usina que mantinha o time” (J., entrevista realizada em 21 de agosto de 2023).

Um senhor identificado como B., de 86 anos, ex-funcionário da usina, expôs um comentário que traduz a memória afetiva dos tempos de

funcionamento do time, inserida numa relação de identidade local, com relação à tríade Usina São José-Esporte Clube São José-Goitacazes:

“Se integravam porque havia uma vontade enorme dos jogadores por ser funcionários da usina jogar num time que eles quer progresso, tanto que tivemos um progresso em 1952 de ser campeão invicto no Campeonato Campista. Um time que teve uma altura adequada pra ser um grande time, mas isso aí foi dando pra trás. Tinha essa ligação que o Esporte Clube São José era filiado à Federação Campista e isso era tudo para o povo. O comércio dava uma levantada com isso, que a coisa fluía bem. O funcionário tinha seu emprego certo, saía de casa e tomava seu cafezinho, ia lá e batia o cartão, saía de tarde. Os filhos na época levavam até o almoço pros pais na usina, pros pais não sair. Então a coisa fluía assim, não tinha muita coisa fora do sentido com a usina, do povo aqui local com o Clube São José. Um sentido valioso para o local, representado uma comunidade ao todo. Foi uma época boa que não volta mais” (B., entrevista realizada em 21 de agosto de 2023).

Esporte Clube São João

O Esporte Clube São João foi fundado em 24 de junho de 1917 como time oriundo da Usina São João, localizada em Guarus, próximo às margens do Rio Paraíba do Sul. É o time usineiro mais antigo dentre os times que surgiram em Campos. A fundação do São João envolveu tanto o apoio dos diretores da usina quanto a participação dos funcionários que vieram a se tornar jogadores. Esse apoio contou com doação de terreno e com a manutenção do clube.

O Esporte Clube São João que foi fundado em 24 de junho de 1917 [...] São fundadores do Esporte Clube São João, os srs. Claudio de Souza, José Norival e Arnaldo Pereira dos Santos, funcionário da Usina S. João que em 24 de junho de 1917, entusiasmados com o esporte bretão que estava surgindo em Campos, reuniram-se e deram como fundado o Clube, escolhendo a sua primeira diretoria, tendo a frente como presidente o sr. Claudino de Souza, daí deram ciência aos dirigentes daquela indústria açucareira, conseguindo de imediato terrenos para construção do seu campo, que foi feito por conta da Usina, sendo esta tradição mantida até os dias de hoje, quando o sr. Christovão Lizandro, atual Presidente da Usina, nada deixa faltar ao clube (ARÊAS, 1962, p. 45).

Embora fundado em 1917, o time da Usina São João foi filiado à Liga Campista de Desportos durante o final da década de 50. O seu único título de relevância foi o campeonato de aspirantes da Liga Campista em 1960. A equipe deixou de existir no final da década de 1960, conforme comentou E.B., ex-jogador

entrevistado, em um momento no qual a Usina São João foi desativada. No entanto, o seu estádio ainda existe nas dependências do terreno que abrigava a usina e é palco de peladas dominicais.

E.B., 74 anos, ex-funcionário da Usina São João e jogador do juvenil do Esporte Clube São João, na década de 1960, relatou sua ligação com ambas as instituições no passado e a maneira que estas se encontram inseridas na sua vida:

“Eu trabalhava na usina, terminei meus estudos na usina... o básico. Eu não tinha condição de vim estudar na cidade, aí eu tive que trabalhar aos dezesseis anos. Aí jogava, trabalhava nesse galpão pra aprender uma profissão e jogava no São João que era o infanto-juvenil. Tinha 16 anos. Como eu falei com você, de 64 pra 65 o São João acabou. O São João foi extinto, aí nunca mais voltou ao cenário esportivo da Liga Campista de Desportos que era o campeonato” (E.B., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Percebe-se nas palavras de E.B. que a Usina São João foi um importante fator de influência na sua trajetória de vida, visto que ele conseguiu iniciar a sua carreira enquanto jogador de futebol profissional (atuando por outras equipes para além do São João) graças à sua atividade na usina enquanto mecânico industrial, também vindo a concluir os seus estudos básicos.

Tal qual o Esporte Clube São José, o São João também possuía a prática de atribuir funções empregatícias na usina para aqueles que eram contratados para atuar no time:

“Olha, o Esporte Clube São João em si, como usina... e como clube profissional que era um time filiado à Liga Campista de Desportos e filiado também à CBD, que na época era CBD e nos anos 80 pra cá passou a ser CBF... Mas era um time que todo mundo queria jogar lá! Por quê? Porque quem queria trabalhar chegava lá tinha ordem do dono da usina: olha, jogador... o cara que vier aqui, joga bola e quer trabalhar (a usina) empregava. A usina dava um emprego. Ele jogava, ganhava do clube e ganhava do emprego que ia trabalhar. Então beneficiou muita gente. Infelizmente quando as coisas começaram a melhorar a usina veio ser fechada, abriu falência e nunca mais retornou” (E.B., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Além disso, havia a cessão da redução de expediente para aqueles que jogavam no time e trabalhavam na usina:

“É, muitos deles moravam na própria sede, que até hoje tem a sede lá. E na época de jogo, naquela época jogava os domingos

à tarde ainda. Quando o jogo fosse em casa os jogadores saíam mais cedo e quando jogava à noite a mesma coisa. Trabalhavam meio expediente e pra vim jogar na cidade que é em Campos, aqui. Era no campo do Goytacaz, e o campo do Americano não tinha refletores. Jogava às quartas e sextas à noite” (E.B., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Esporte Clube Sapucaia

O Esporte Clube Sapucaia foi fundado em 18 de dezembro de 1934, na localidade de Sapucaia. O clube surgiu por meio de uma fusão entre o Progresso Futebol Clube e o Esporte Clube Brasil, ambos congregavam jogadores da Usina Sapucaia.

Esse Esporte Clube Sapucaia, campeão fluminense no ano da fusão do Estado do Rio com o Estado da Guanabara, já existia desde 18 de dezembro de 1934 – na LCD o registro fala que é de 1938 – mas mais como um time de usina do que como um clube de verdade. Ele surgiu depois que acabaram o Progresso e o Brasil, rivais da região (OURIVES, 1989, p. 102).

Tinha como cores o vermelho e preto, tal como o Clube de Regatas do Flamengo, era exigência de um dos seus fundadores. O apogeu do Sapucaia se deu na década de 1970, durante as disputas pelo Campeonato Campista e, principalmente, pelo seu título estadual de 1975. Nesta ocasião, o Sapucaia derrotou o Americano Futebol Clube e conquistou o extinto Campeonato Fluminense. Com a crise do futebol municipal, o Sapucaia seguiu suas atividades em formato amador e participando de certames de caráter local. O seu estádio ainda se mantém localizado próximo à Usina Sapucaia, atualmente gerida pela Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro (COAGRO).

A.J., 65 anos, funcionário da Usina Sapucaia de 1972 até os dias atuais e jogador do juvenil do Esporte Clube Sapucaia nos anos 1970, fez alguns apontamentos sobre o time. No que diz respeito à relação time-usina no passado, ele comentou que:

“Era muito bom, porque no passado os caras investiam, ajudavam, né. Mas depois de um bom tempo eles pararam de ajudar o time. Aí o time já não foi mais que era, não teve como fazer mais. Porque na época que foi profissional, a usina jogava verba pros trabalhador... eles tinha o dia de treinar e não trabalhava, mas depois parou tudo. Hoje é muito diferente, já hoje não faz parte do esporte. Pagar jogador pra empregar e jogar aí? Nada disso. Isso foi no passado” (A.J., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Sobre a manutenção e o investimento no time proporcionados pela usina, A.J. relatou:

“Rapaz, o usineiro do passado ele ajudava o time. O time precisava e ele ajudava, entendeu? Ajudava, comprava uniforme pro time, chuteira, rede, pagava os jogador. Hoje, agora a usina aqui é boa, mas sobre esses próximos anos aí não tem como ver esses negócios não” (A.J., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Na contramão do senso comum do futebol operário, onde as equipes eram plenamente formadas por trabalhadores das suas respectivas fábricas, J., 61 anos, funcionário da Usina Sapucaia, na década de 70 e 80, e jogador do segundo quadro do E.C. Sapucaia, afirmou que durante os anos áureos do ‘Leão do Muriaé’ era comum a contratação de jogadores externos à comunidade local, que não trabalhavam na usina e que viviam na zona urbana de Campos dos Goytacazes:

“Não, não tinha não por que... Essa Taça Cidade de Campos vinha muito jogador de fora. Inclusive para Sapucaia chegar no campeão fluminense veio muita gente de fora. Aí já não tava nem mais aqueles jogadores que trabalhavam em usina, já não estava mais no time do Sapucaia. Essa faixa de jogadores que trabalhou na usina é 70, 71, 72, 73, entendeu? Mas o resto era tudo de fora, jogador que vinha do Rio Branco, do Cambaíba, às vezes do Americano. Tinha a concentração deles aqui em Campos. Esse foi o melhor momento do Sapucaia! O time se formou para disputar o Campeonato Fluminense. Agora, esse segundo time que eu jogava e o primeiro time, depois que acabou o Esporte Clube Sapucaia, aí a maioria trabalhava na usina” (J., entrevista realizada em 25 de setembro de 2023).

A respeito da manutenção do time exercida pelo dono da usina, J. respondeu:

“Ele pagava tudo. Pagava jogador, pagava tudo. Naquela época os jogadores ganhavam. Doutor João Cleofas era o dono e Doutor Francisco, ele que comandava tudo. Flamenguista inchado! Ele que comandava tudo. Ele comprava os jogador, ele comprava camisa, organizava tudo ali. Mas dava dinheiro ao jogador” (J., entrevista realizada em 25 de setembro de 2023).

Em relação à integração entre o time, a usina e o distrito, J. respondeu que existia uma ampla integração comunitária que promovia a existência de uma identidade local:

“Isso era muito bom, era muito legal. O povo morava e tinha a usina, o povo que morava ao redor nas fazendas. Dia 1º de Maio

o dono da usina fazia um torneio para todas as fazendas disputarem torneio e a ligação era ótima. Principalmente do torcedor com o Esporte Clube Sapucaia, entendeu? Invadia, abraçava que era uma coisa de doido!” (J., entrevista realizada em 25 de setembro de 2023).

Esporte Clube Cambaíba

Em 27 de agosto de 1930, foi fundado o Esporte Clube Cambaíba, no distrito de Cambaíba, por meio de funcionários da Indústria Açucareira de Cambaíba. Tal formação se deu por meio da fusão de dois times formados por trabalhadores da usina, sendo estes o Palmeiras e o Liberal Futebol Clube.

Também de usina é o Cambaíba, surgido do Liberal Futebol Clube e esse do Palmeiras, conforme descrições feitas por José Pereira, o Cambuci, e Henrique Azeredo, funcionários da usina Cambaíba, situada a 12 quilômetros além da zona urbana e um dos maiores e mais completos complexos industriais da região, graças à excelente administração do industrial Heli Ribeiro Gomes que chegou a ser Vice-Governador e deputado federal pelo antigo Estado do Rio de Janeiro, e assiduidade ao trabalho dos filhos Cristóvão e João, este o conhecido Jota Batista das pistas de autocross, esporte que se desenvolveu em Campos graças a ele (OURIVES, 1989, p. 98).

O seu estádio de futebol foi inaugurado no dia primeiro de maio de 1966, tendo sido batizado como Estádio Deputado Heli Ribeiro Gomes, como forma de homenagem ao proprietário da usina e patrono do time. O time existiu até o momento desta pesquisa, próximo às ruínas da Usina Cambaíba. A respeito dos seus títulos, o time chegou a vencer a Taça Cidade de Campos e o Torneio de Verão no ano de 1975. Atualmente, a equipe se mantém em hiato, porém obteve continuidade no amadorismo, após o fim do Campeonato Campista municipal.

A significância esportiva do Esporte Clube Cambaíba foi viabilizada por conta dos maciços investimentos do proprietário da usina, conforme ocorreu nos outros times usineiros. Abaixo segue o relato de A.T., 78 anos, goleiro do Cambaíba na década de 1970 e com a carreira futebolística iniciada na década de 60, pelo Esporte Clube São José:

“O Esporte Clube Cambaíba decolou de tal maneira invejável, ainda com equipe totalmente profissionalizada. Em algumas oportunidades tivemos o privilégio de representar Campos no estado do Rio... Mas com equipes boas de municípios até fortes, Volta Redonda, Barra de Piraí, Macaé, enfim... [...] Daqui do

São José era mais limitado, mas do E.C. Cambaíba, meu Deus do céu! Não tinha dificuldade. Ele saía de um clube que recentemente tinha feito a carreira profissional, era um time amador, mas mesmo no amadorismo era uma loucura. Os clubes profissionais tinham dificuldade nos confrontos com eles. Então isso obrigou o proprietário a investir mais. Quantas e quantas vezes nós conseguimos tomar, tirar dos clubes profissionais de até maior porte, tomar atletas e contratar. Sinceramente, nós tivemos vários deles. Muita coisa boa. Tanto no E. C. São José quanto Cambaíba, o Cambaíba mais ainda. O Cambaíba foi mais profissional até que o próprio São José” (A.T., entrevista realizada em 12 de setembro de 2023).

R.P., 73 anos, goleiro do Esporte Clube Cambaíba, na década de 1970, e funcionário da Usina Cambaíba durante os anos 1970 e 1990, reforçou o potencial do financeiro do time na época, que permitiu a aquisição de jogadores de outras equipes, até mesmo de times fortes como o Americano:

“Pela redondeza representava muita coisa, porque vinha muita gente e muitos jogadores saíram daqui. Inclusive Adilson que jogou no Fluminense, jogou aqui. O Cambaíba contratou Saul, jogou no Americano e depois veio jogar aqui. Conforme saiu Ailton Tavares pro Goytacaz, Índio pro Americano... Célio foi jogar no Internacional, Paulo Marcos jogou no Internacional e tem vários jogador... Conforme esse Cacá foi jogar na Arábia. Cambaíba saiu muito jogador bom porque tinha treinamento aqui, tinha tudo preparado... Então isso aí foi uma ajuda que deu à comunidade. Tem muitos jogadores que veio de fora também... O Cambaíba nessa época pagava os profissionais, pagava bem os jogadores. [...] Todos os trabalhadores que trabalhavam arrecadavam o dinheiro deles na folha de pagamento e repassava para o time. Um quadro de sócios grande. Então, o pessoal que era mais apaixonado... no caso, Garfante que veio jogar no Cambaíba era de Macaé, jogou no Americano... Cambaíba queria Garfante... a sociedade, os torcedores queriam comprar Garfante porque Garfante era preso no Americano... Aí reuniram o pessoal e compraram Garfante do Americano” (R.P., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Sobre a representatividade do time para o distrito de Cambaíba, percebe-se que havia uma grande confluência entre participação e sociabilidades da comunidade local e, também, dos povoados que o orbitam. Nesse sentido, R.P. relatou que:

“Cambaíba jogava, o campo enchia de gente. No dia de domingo, no dia de sábado... tinha até refletor no campo. O dia que jogava lá o campo era cheio. A população descia tudo pra ver, local e de fora. Martins Lage, Fazendinha. Inclusive aqui já

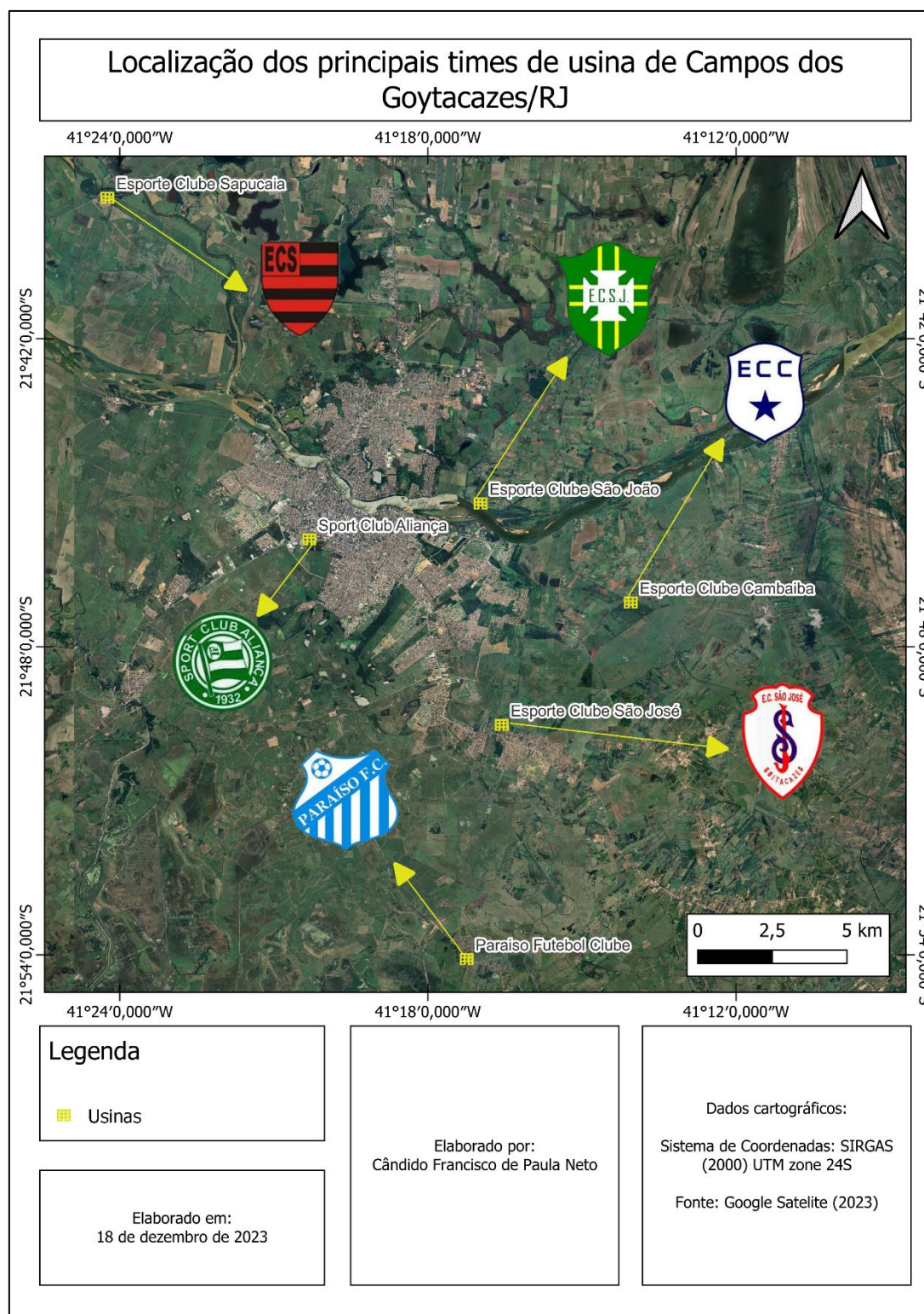
revê época que o campo enchia de gente aqui, não dava pra quase ninguém não. Aí quando ia disputar um campeonato mais pesado, jogava no campo do Goytacaz e do Americano por causa da arquibancada. A mobilização... os homens dava ônibus, dava Kombi, dava caminhão pra levar. Tinha vez que o Cambaíba ia jogar ia 4, 5 caminhão. Passava em Goitacazes, passava em Fazendinha, passava na Penha, vinha por aqui, cortava assim, botava aqueles banco... Aí Cambaíba representou Campos no Campeonato Estadual de Amador, aí Cambaíba jogava em Macaé, jogava em Três Rios, jogava também lá em... jogamos contra o Barbará... o Barbará é de Volta Redonda naquele estádio bonito. Cambaíba jogou lá!” (R.P., entrevista realizada em 13 de setembro de 2023).

Esporte Clube Aliança

O Esporte Clube Aliança foi fundado em 24 de abril de 1932, por trabalhadores e funcionários da Usina do Queimado. A equipe usineira possuía em sua identidade visual algo bastante simbólico sobre o que diz respeito à questão canavieira: as cores verde e branco, as quais remetiam às cores do açúcar e dos canaviais (SANTAFÉ, 1997).

Na Usina do Queimado, que hoje integra a área urbana da cidade, mas na época era considerada parte rural de Campos e que distância apenas 3 km do centro, um grupo de funcionários que sempre se reuniam nas horas de folga para jogarem futebol, nasceu à ideia de se formar um clube para se filiar à Liga Campista de Desportos e que se fizesse presente nos campeonatos promovido por essa entidade. Liderados por Laudelino Batista e Antônio da Silva Sá, que respectivamente foram o primeiro presidente e vice do clube procuraram os irmãos Julião e Inácio Nogueira, proprietários da usina e grandes admiradores dos esportes em geral, que gostaram muito da ideia e não só autorizaram a criação do time, como também colaboraram em muito para o seu desenvolvimento (Pardo, 2007, p. 30).

Além do futebol, havia a prática esportiva de outras modalidades como voleibol, basquete e tênis no complexo esportivo, mantidas na área da usina. O Aliança não chegou a alcançar o profissionalismo, porém teve um sucesso ocorrido no fim dos anos 1930 quando foi tricampeão campista no período amador. Sendo assim, a equipe contou com poucos anos de funcionamento, vindo a ser extinta no ano de 1946.



Organização: Neto, 2023

Nesse quadro, constata-se que o surgimento dos times de usina de Campos dos Goytacazes é parte integrante ao nascimento dos inúmeros clubes operários pelo Brasil: do modo no qual ferrovias e indústrias influenciaram a formação de

equipes fabris no país, as usinas sucroalcooleiras campistas prestaram importante contribuição na manifestação do futebol campista, concedendo equipes formadas por seus funcionários.

Conclusão

Diante desse contexto e a exposição de toda a história apresentada dos times operários da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, entende-se que a relação dos times usineiros com a nascente cultura esportiva da cidade foi possível por uma determinada sintonia entre o futebol e o espectro do lazer. Com os primeiros impulsos de desenvolvimento urbano em Campos dos Goytacazes, combinados a um salto populacional, a cidade passou a receber práticas culturais de lazer e esporte durante o período áureo das usinas sucroalcooleiras. Entre tais práticas, havia a cultura do teatro e a prática de modalidades esportivas como o turfe e o remo.

Considerando o futebol operário no Brasil do início do século XX, na condição de fenômeno de abrangência nacional, o futebol usineiro de Campos dos Goytacazes também foi desenvolvido a partir de laços comunitários e de relações de sociabilidade entre trabalhadores das usinas de álcool e açúcar do município. Cabe destacar que o cenário dos times de usina em Campos só foi possível devido ao apogeu do setor agroindustrial, tendo em vista que as usinas sucroalcooleiras se estabeleceram como estrutura mantenedora das atividades futebolísticas de suas equipes agregadas.

Notou-se, também, que boa parte dos times usineiros possuía uma espacialidade periférica no município de Campos, estando localizados em periferias rurais e agregados aos terrenos de suas respectivas unidades agroindustriais.

Como consequência dessa dependente associação entre usina e time de futebol, percebeu-se que o desmantelamento da produção local de álcool e açúcar, na década de 70, decretou o fechamento de várias unidades industriais. Esse período de crise do setor sucroalcooleiro influenciou diretamente o funcionamento das equipes usineiras em um efeito cascata, provocando o declínio de seus clubes, os quais tomaram o rumo do amadorismo e da extinção.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, F. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- ARÊAS, N. **Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista**. Campos dos Goytacazes: Nilpress, 1962.
- BUCHMANN, E. **Quando o futebol andava de trem**: memória dos times ferroviários brasileiros. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.
- CIOCCARI, M. O futebol nas minas de carvão do Rio Grande do Sul. In: HOLLANDA, B; FONTES, P. (Orgs.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021. p. 109-132.
- GOMES FILHO, H. **Divisão internacional do trabalho e direito à cidade (de porte médio) no Norte Fluminense**: legado e maldição de Prometeu. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- MELO, V.; CARNEIRO, J. **Nos tempos do Trianon**: Campos se diverte. 1. ed. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2021.
- MELO, V. Botafogo, Caju, Paquetá: A Baía De Guanabara em festa - O Remo e a Produção do Espaço (1866-1895). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1- 63, 2020.
- PEREIRA, L. **Footballmania**: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1992 – 1938/. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- OURIVES, Paulo. **A História do Futebol Campista**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989.
- PARDO, A. **No país do futebol, cidade sem memória**: A história Futebolística de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: Rio de Janeiro, 2007.
- PINTO, J. **O Ciclo do Açúcar em Campos**. Campos dos Goytacazes: Edição do autor, 1995.

ROSENDO, R.; CARVALHO, A. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, R.; SILVA NETO, R. (Orgs.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense**: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004. p. 27-75.

SANTAFÉ, H. **Ídolos do Nosso Esporte – A História Esportiva de Campos**. Itaperuna: Damadá, 1997.

SANTOS, J. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SANTOS, L. Os times de usina de Campos dos Goytacazes/RJ (1917- 1980). **Boletim Petróleo, Royalties e Região**, Campos dos Goytacazes/RJ, Ano XV, nº 58, dezembro. 2017

SMIDERLE, D. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos dos Goytacazes (RJ)**. Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010.

STÉDILE, M. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.